

VOZES DO OUTRO NA MATERIALIDADE DO TEXTO ACADÊMICO: UM ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DO DISCURSO CITADO

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento¹
Rosângela Alves dos Santos Bernardino²

Resumo: Este trabalho objetiva descrever, analisar e interpretar as funções que as vozes de outrem desempenham na construção de sentidos do texto acadêmico. Para isso, dialoga com os postulados de Bakhtin (1990), Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1996; 2002), Pereira (2007), entre outros. O *corpus* é constituído por 06 textos produzidos por estudantes do 6º período de um Curso de Letras. A análise revela que o discurso de outrem é mobilizado com as seguintes funções: *introduzir um ponto de vista; fundamentar uma afirmação; completar um dizer*. Assim, o estudante se apropria do discurso de outrem como forma de, entre outras, consolidar seu dizer.

Palavras-chave: Discurso de outrem; Funções do discurso citado; Texto acadêmico.

Considerações iniciais

Nos últimos anos, estudiosos da linguagem têm se debruçado sobre o estudo da escrita acadêmica, o que revela uma maior tendência em compreender como se configura o processo de produção escrita nesse contexto. Dialogando com esses estudos, que tomam a escrita acadêmica como objeto de estudo, este trabalho versa sobre as vozes de outrem na materialidade do texto acadêmico de estudantes de um curso de Letras. Com isso, procuramos responder as seguintes questões: (i) que funções o discurso de outrem exerce na construção do texto acadêmico?; (ii) que sentidos são produzidos no texto acadêmico a partir do manejo das vozes de outrem? A partir dessas questões, objetivamos identificar, descrever e analisar as funções do discurso de outrem em textos produzidos por estudantes de um curso de Letras, atentando para os efeitos de sentido que essas vozes suscitam.

Para o desenvolvimento deste trabalho, assumimos o pressuposto de que o texto é atravessado por múltiplas vozes, constituindo-se em um fenômeno recorrente, natural e

¹ Mestrando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ilderlandionascimento@yahoo.com.br

² Professora Assistente II da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rosangelabernardino@uern.br

característico dos textos de um modo geral. Esse coro de vozes marcadas ou não na trama textual exercem funções diversificadas na construção de sentidos do texto, conforme Boch e Grossmann (2002).

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e documental, de base quantitativa e qualitativa, desenvolvida com um *corpus* composto por 06 redações elaboradas por estudantes do 6º período de um curso de Letras/Português de uma instituição pública, durante o semestre letivo de 2012.1. Essas redações foram solicitadas numa avaliação da disciplina *Gêneros Textuais*, na qual se pedia que os estudantes apresentassem uma discussão sobre as concepções de gênero textual/discursivo no campo da investigação linguística, considerando as contribuições de três abordagens: a abordagem de Bakhtin; a abordagem de Maingueneau e a abordagem de Swales. A escolha por esse *corpus*, ao mesmo tempo em que contribui para os estudos na área, justifica-se pela necessidade de compreendermos cada vez mais a produção escrita acadêmica no contexto da própria sala de aula do curso de Letras.

Para estudar as funções das vozes de outrem na materialidade desses textos, mobilizamos estudos de Bakhtin (1990), Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1996; 2002), Boch e Grossmann (2002) e Pereira (2007). Este trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente, faremos uma discussão sobre a heterogeneidade discursiva, focando nas vozes que se materializam no discurso; em seguida, mostraremos um quadro com noções/conceitos extraídos de análises realizadas em outros gêneros discursivos sobre essa mesma temática. Na sequência, desenvolveremos uma análise do *corpus*, interpretando recorrências e tecendo comentários acerca dos achados e, por fim, faremos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

1 Heterogeneidade discursiva: vestígios de vozes outras no discurso

Bakhtin (1990) postula que os discursos florescem numa orientação dialógica com outros discursos. Ele entende que esse diálogo ocorre em “todos os graus e de diversas maneiras”. Com essa noção de discurso, entende-se que todas as produções de discursos mantêm, de alguma maneira, um laço dialógico com outros discursos, ou seja, são perpassados por outras vozes, outros dizeres, outros enunciados.

Ao discorrer sobre a relação do discurso com outros discursos, Bakhtin (1990) afirma: “Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de

outros, cruzando-se com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso” (p.86). Assim, o discurso/texto é formado a partir da presença de várias vozes em sua estrutura. Essas vozes/discursos apresentam relações diversas com o discurso. Dessa constatação resulta a importância de se entender as finalidades do uso das vozes do outro na construção textual dos sentidos do texto.

Ao explicar a relação dos discursos em direção ao *objeto do discurso*, Bakhtin (1990) diz que ele (o objeto) *é a concentração de vozes multidiscursivas* dentre as quais *deve ressoar a sua voz*. O autor citado acrescenta: “Essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz, fora do qual são imperceptíveis, ‘não ressoam’ os seus matizes”. (BAKHTIN, 1990, p. 88, grifo do autor). Destarte, cada discurso entra em contato com outros discursos, outras vozes, mantendo laços dialógicos na construção de um objeto/tema de discurso, fazendo com que o objeto/tema seja atravessado por múltiplas vozes.

Nessa discussão, uma característica do discurso não deve ser desconsiderada: a heterogeneidade enunciativa. A heterogeneidade é objeto de estudo da linguista Authier-Revuz (1990). Essa autora classifica a heterogeneidade em constitutiva e mostrada, afirmando que ambas “representam duas ordens de realidades diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Conforme esses dizeres, enquanto a heterogeneidade constitutiva é marca de todo discurso, sendo de sua própria natureza, no sentido de que todo discurso é constituído a partir de um *já dito*, a heterogeneidade mostrada é marcada, evidenciada, percebida, identificada na trama textual do discurso. Por isso, essas duas *ordens* são realidades diferentes de negociação com o discurso do outro.

Authier-Revuz (1990, p. 26), ao propor uma descrição da heterogeneidade mostrada, apresenta, para isso, “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” A partir dessas palavras, é cabível dizer que as múltiplas vozes que tornam o discurso heterogêneo são linguisticamente representadas no discurso. Essa presença visível, para a autora, configura-se como uma negociação com a heterogeneidade constitutiva do discurso.

A autora citada postula que existem três formas ou tipos de heterogeneidade mostrada. Na primeira, temos o discurso relatado (em que o locutor utiliza suas palavras para traduzir as palavras do outro) ou cita as próprias palavras do Outro (discurso direto). Na segunda, o locutor assinala as palavras do outro por meio de aspas, de itálico. E, por último, o discurso

do outro não é marcado, pois se mostra no espaço do implícito como, por exemplo, o discurso indireto livre.

Com relação a essas formas de heterogeneidade mostrada, mais especificamente sobre o discurso citado, Maingueneau (1996) postula e descreve várias formas com as quais o locutor pode integrar uma enunciação numa outra enunciação (discurso citado). Esse autor mostra que a tendência é nos distanciarmos da concepção de texto como uma *espécie de ilha* e abordarmos os textos como um *trabalho sobre outros textos*. Nesse sentido, ele retoma o dialogismo bakhtiniano ao dizer que os textos são produzidos a partir de um *já dito*. Assim, o discurso/texto é concebido numa relação com outros discursos que o constituem e que o atravessam.

A partir de Maingueneau (1996, 2002), temos vários modos de citar as vozes do outro no discurso, quais sejam: discurso citado direto, discurso citado indireto, discurso citado direto com “que”, modalização em discurso segundo, ilhota citacional, resumo com citações, discurso indireto livre. Cada um desses modos apresentam suas características linguísticas e semânticas específicas e assinalam a heterogeneidade mostrada no discurso.

Desse modo, conforme as discussões apresentadas, é consenso entre os autores a tese de que o discurso é constitutivamente heterogêneo. Nesse sentido, o texto apresenta vestígios de várias vozes, de vários dizeres que podem ou não serem marcados linguisticamente. Além disso, constatamos que é com a noção de heterogeneidade mostrada que rastreamos os vários modos de discurso citado, cada um com marcas e funções específicas que os caracterizam e os distinguem. Desse modo, as vozes presentes no discurso exercem funções discursivas que constituem/constroem sentidos para esse discurso.

2 As funções do discurso de outrem: conceitos/definições basilares

Sobre as funções do discurso citado, Maingueneau (1996, p. 103) diz que “as falas não são somente citadas, elas ocupam lugar numa narrativa.” A partir dessa compreensão, é possível entender que, ao mobilizar a voz de outros no discurso, o locutor não apenas os cita, mas faz com que esses outros ocupem um lugar, exerçam uma função, construam certos efeitos de sentidos e não outros, enfim, que preencham espaços não apenas linguisticamente, mas semanticamente.

Compartilhando desse pensamento, elaboramos um quadro a partir de estudos de Boch e Grossmann (2002) e de Pereira (2007), em que esses autores elaboram categorias referentes

às funções do discurso citado. Vale salientar que Boch e Grossmann (2002) desenvolveram uma pesquisa comparativa com textos (relatórios) produzidos por especialistas, no caso, pesquisadores em linguística, e por estudantes de graduação. Pereira (2007), por sua vez, baseando-se em estudos de Boch e Grossmann, desenvolve suas categorias a partir de análises de textos de conclusão de curso (monografia) de estudantes de especialização e de estudantes de graduação.

FUNÇÕES DO DISCURSO CITADO	DEFINIÇÃO/CONCEITO
Fundamentar uma afirmação	- o aluno/produtor lança mão do discurso do outro para dar sustentabilidade ao seu dizer. (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Introduzir um ponto de vista	- o aluno/produtor refere-se às palavras dos outros unicamente para reafirmar a ideia expressa pelo próprio outro (autor/fonte). (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Completar o dizer	- o aluno/produtor reporta-se às palavras dos outros para complementar o seu dizer na progressão discursiva. (PEREIRA, 2007).
Definir uma ideia/conceito	- o aluno/produtor utiliza-se do discurso citado para definir uma ideia, uma expressão. (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Finalizar uma ideia	- o aluno/produtor faz uso das palavras dos outros para finalizar a temática/discussão. (PEREIRA, 2007).

Quadro 01: As funções do discurso citado

Boch e Grossmann (2002) destacam o fato de que o discurso citado pode ser mobilizado para exercer várias funções. No universo acadêmico, o diálogo com outras vozes se configura como uma necessidade, até porque, nesse contexto, a produção escrita exige um atravessamento com outros dizeres, outras vozes, com o *já dito*. Essa exigência nasce da ideia de que, na escrita acadêmica, o discurso precisa interagir com outros discursos da área do conhecimento. É nesse sentido que Boch e Grossmann (2002, p. 98) salientam o seguinte: “O apoio no discurso do outro aparece, então, na maior parte do tempo, como uma necessidade acadêmica”. Fato é que a realidade acadêmica exige uma concepção verdadeiramente dialógica da escrita. Nisto reside a “necessidade” do acadêmico mobilizar, no texto, por meio das várias formas de discurso citado, as vozes do outro. Com essa concepção, portanto, passaremos a análise dos dados do presente estudo.

3 As funções do discurso de outrem na construção de sentidos do texto acadêmico

Visando responder a primeira questão levantada nesse estudo sobre que funções o discurso de outrem exerce na construção do texto acadêmico, a análise do *corpus* revelou que os estudantes do curso de Letras mobilizaram o discurso de outrem em textos por eles produzidos para: (a) fundamentar uma afirmação; (d) introduzir um ponto de vista e; (c) completar um dizer. Desse modo, as categorias identificadas por Boch e Grossmann (2002) e Pereira (2007) parecem indicar aspectos regulares no que diz respeito às funções exercidas pelos discursos de outrem. No entanto, no *corpus* que analisamos, constatamos a mobilização de apenas três das funções identificadas pelos autores citados, sendo que a função introduzir um ponto de vista apresenta uma maior recorrência. Desse modo, para termos uma noção de como os estudantes mobilizaram tais funções em seus textos, fizemos um levantamento quantitativo dessas funções do discurso do outro nos 06 textos examinados.

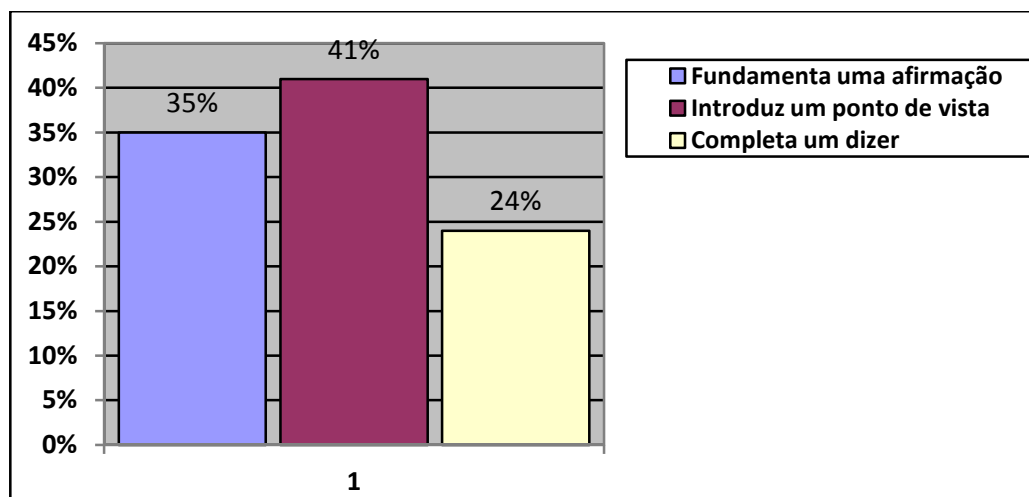


Gráfico 01: Recorrência das funções do discurso do outro em textos produzidos por estudantes do 6º período do curso de Letras

Conforme o gráfico 01, a função introduzir um ponto de vista foi mobilizada com maior recorrência no *corpus* analisado, com 41% dos casos. Logo em seguida, aparece a função fundamentar uma afirmação, com 35%. E, com menos frequência, temos a função

completar um dizer, com 24%. Feito esse levantamento quantitativo, apresentaremos fragmentos de textos que mostram o funcionamento de cada uma dessas funções:

(i) Fundamentar uma afirmação

O pensamento de Bakhtin representa uma oposição em relação à linguística de seu tempo: oração (unidade da língua) X enunciado (unidade da comunicação discursiva). Para o autor, a fala só existe de forma concreta nos enunciados, ou seja, o enunciado tem que considerar o contexto do indivíduo, do sujeito de um discurso. (Texto 03, linhas 5-10)

Nesse excerto é possível perceber duas vozes, dois atos discursivos: o discurso do produtor do texto (estudante) e o discurso citado (de Bakhtin). Verifica-se a utilização do discurso de Bakhtin, pelo estudante, com a função de fundamentar uma afirmação. Assim, ao interpretar e afirmar que *O pensamento de Bakhtin representa uma oposição em relação à linguística de seu tempo: oração (unidade da língua) X enunciado (unidade da comunicação discursiva)*, o estudante recorre aos dizeres do próprio Bakhtin para fundamentar, corroborar sua afirmação: *Para o autor, a fala só existe de forma concreta nos enunciados*. Desse modo, é o discurso de Bakhtin que dá sustentabilidade ao dizer do estudante. O discurso de Bakhtin é mobilizado, portanto, exercendo uma função de autoridade quanto à temática tratada (o enunciado).

Essa constatação nos mostra, além do aspecto dialógico, que a produção de textos acadêmicos apresenta uma dependência quanto à mobilização do discurso do outro, ou seja, para dizer, o estudante necessita do dizer, da autoridade, de um outro. Além disso, aponta para o fato de que, como iniciante, o estudante necessita recorrer ao discurso do outro, buscando, assim, amparo e fundamentação para suas palavras, de forma que o discurso do autor citado vem autorizar as palavras do estudante-enunciador. E isso, de maneira nenhuma, torna o estudante-enunciador um ser mudo, sem palavras, mas revela, sim, seu trabalho em preparar um contexto enunciativo para inserir outras vozes. O arranjo sintático, a ação interpretativa, o recorte da voz do outro, a escolha semântica relavam a ação ativa do estudante-enunciador diante do discurso citado.

Olhando, ainda, para o excerto acima é possível perceber o quanto o discurso acadêmico é construído na dependência do discurso do outro, na relação dialógica. Todo o fragmento pode ser compreendido como uma paráfrase. Na verdade, o fragmento em análise mostra que o discurso do estudante é construído a partir e em direção ao discurso do outro, de

Bakhtin, no caso. Desse modo, numa concepção bakhtiniana, o discurso do outro é, além do outro, o objeto para o qual o discurso do estudante está voltado.

(ii) Introduzir um ponto de vista

Começemos por Bakhtin. Para esse teórico, partindo do conceito de dialogismo, o uso da linguagem encontra-se ligada a diversas esferas da atividade humana. Nesse sentido, sendo os campos da atividade humana multiformes, as formas de linguagem também o são. O autor afirma que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Para esse mesmo autor, os gêneros do discurso são heterogêneos, sendo orais ou escritos. (Texto 05, linhas 1-8).

Nesse evento, verificamos que o estudante de graduação discorre sobre a concepção de gêneros do discurso. Para desenvolver essa temática, ele inicia um parágrafo citando as palavras de Bakhtin, ou o conteúdo delas: *para esse teórico*. Desse modo, o estudante utiliza o discurso citado com a função de introduzir um ponto de vista, uma ideia/conceito, de uma autoridade da área, acerca da discussão em pauta, a saber: *Para esse teórico, partindo do conceito de dialogismo, o uso da linguagem encontra-se ligada a diversas esferas da atividade humana*. Nota-se que o propósito dessa citação é introduzir o posicionamento de Bakhtin sobre a temática, ou seja, sobre o estudo dos gêneros discursivos.

Além disso, o estudante ainda faz referência aos dizeres de Bakhtin duas vezes, visando trazer para seu discurso as concepções de *gêneros do discurso*. Vejamos: *O autor afirma que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”*; e: *Para esse mesmo autor, os gêneros do discurso são heterogêneos, sendo orais ou escritos*. Desse modo, o discurso citado é mobilizado com a função de introduzir um ponto de vista e também de sustentar, argumentar, especificar, esclarecer esse ponto de vista. O que queremos mostrar com essas ocorrências é o fato das ideias, pontos de vista, teses terem suas origens no discurso do outro, ou seja, não são do estudante-enunciador. Esse apenas retoma, recupera, reproduz, comenta.

Sobre essa função do discurso citado na escrita de estudantes, Boch e Grossmann (2002, p. 8) dizem que ela “desvela, indiretamente, certos mecanismos poucos conhecidos que regem o uso da referência ao discurso do outro.” Esses mesmos autores entendem que introduzir um ponto de vista é uma função específica dos discursos citados na escrita de estudantes. Sobre essa ocorrência, Pereira (2007) entende que essa é uma forma de deixar-se completar pelas palavras do outro.

(iii) Completar o dizer

O que caracteriza os gêneros não são as estruturas que os gêneros apresentam, mas sim sua função social, isso porque, os gêneros são, na verdade, “atividades sociais”, conforme Swales. Essa ideia é também encontrada nas postulações bakhtinianas da linguagem. (Texto 06, linhas 8-12).

O fragmento em destaque evidencia um caso em que o discurso citado exerce a função de completar o dizer do estudante. A estrutura textual desenvolvida pelo estudante de que o *que caracteriza os gêneros não são as estruturas que os gêneros apresentam, mas sim sua função social, os gêneros são, na verdade, “atividades sociais”*, contém, nesta última parte, um fragmento entre aspas, “atividades sociais”, que está complementando o dizer do estudante. As aspas utilizadas marcam e indicam que tais palavras pertencem à Swales. Assim, o estudante recorre ao discurso do outro para completar um pensamento, uma ideia. Nesse caso, percebemos que o sentido é construído a partir de um entrelaçamento de vozes/discursos.

Além disso, esse fragmento entre aspas evidencia a heterogeneidade mostrada no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), o outro emergindo na superfície textual, a negociação de sentidos entre enunciadore. Estamos, nesse sentido, diante de um fenômeno sintático-semântico-enunciativo. O discurso insere um outro em sua estrutura sintática, provocando certos efeitos de sentidos. Cabe dizer que essa atividade revela a apreensão ativa do estudante diante do discurso do outro.

Com base nessa análise é possível dizer que no universo acadêmico o estudante necessita do respaldo do discurso do outro, da autoridade, para fundamentar o seu dizer, para introduzir uma ideia ou conceito e para completar seu dizer. A análise demonstra, por outro lado, a atividade de sujeitos enunciadore ativos na relação dialógica e na criação de sentidos do texto/discurso. Vale frisar, portanto, a ação de manejar discursos outros, fazendo com que esses venham a preencher determinadas funções na construção e desenvolvimento de sentidos do texto/discurso.

Assim, retomando a segunda questão desse estudo sobre os sentidos produzidos no texto acadêmico a partir do manejo de vozes de outrem, as funções manifestam o diálogo de vozes na construção de sentidos do texto/discurso. Tais funções revelam que a voz do outro se configura como elemento instaurador de sentidos, tendo em vista as funções que

desempenham no contexto acadêmico/científico. No entanto, longe de silenciar a voz do estudante, a presença de outras vozes na escrita acadêmica revela um *ser cheio de vozes interiores* (BAKHTIN 1990). O estudante-enunciador age com e a partir de vozes outras, manejando-as, interpretando-as, comentando-as, fazendo-as surgir na superfície textual. Esse trabalho sobre e a partir de outros discursos é perfeitamente compatível e necessário em um contexto em que a produção de conhecimento exige desse estudante um pensamento crítico, criativo, avaliativo, do qual surgem a criação de ideias, de teorias, de sínteses, de análises, etc.

Considerações finais

Este trabalho pautou-se no objetivo de identificar, descrever e analisar as funções do discurso citado na escrita de estudantes do curso de Letras, observando como ocorre a construção de sentidos desses textos, considerando o diálogo de vozes na tessitura textual. Para isso, analisamos produções escritas de alunos de graduação em Letras/Língua portuguesa, mais especificamente, textos produzidos como requisito avaliativo da disciplina *Gêneros textuais*.

A análise revela que os estudantes mobilizam o discurso citado para cumprir três funções, a saber: (i) fundamentar uma afirmação; (ii) introduzir um ponto de vista; e (iii) completar um dizer. Diante dessas ocorrências, verifica-se que o estudante se apropria da voz do outro como forma de consolidação de seu dizer (PEREIRA, 2007).

Face ao exposto, percebemos o funcionamento, a relação dialógica materializada no discurso entre a voz do estudante e a voz de estudiosos com os quais ele dialoga. A heterogeneidade mostrada no discurso marca, ainda, não o silenciamento do estudante diante das outras vozes, mas sua ação ativa em manejar essas vozes, orquestrando-as. É a partir desse jogo com os dizeres de outrem que os posicionamentos, as ideias, os comentários, enfim, os sentidos são construídos.

Diante dessa constatação, entendemos ser necessária, no âmbito do ensino de leitura e produção de textos acadêmicos, uma orientação quanto ao manejo de outros discursos na escrita acadêmico-científica. O fato de o discurso citado ter sido mobilizado preenchendo apenas três funções, pode indicar certa limitação, desconhecimento e dificuldades dos estudantes de graduação diante do discurso do outro com os quais eles lidam durante todo processo de formação. Assim, defendemos que não basta apenas pedir aos estudantes que citem referências, que recorram ao discurso do outro, que dialoguem com o outro nas suas

produções, mas sim, que esse “pedir” seja acompanhado de orientações e explicações sobre o funcionamento discursivo do discurso citado na escrita acadêmico-científica.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**. Trad. de Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Campinas, São Paulo: 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 97-108, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEREIRA, C. C. **Formas e funções do discurso do outro no gênero monográfico**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.